

Anónimo

Citação: Anónimo, *Visão do Pico de Itajurú*, *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 8 (2008). ISSN 1645-958X.
<<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

VISÃO
DO
PICO DE ITAJURÚ

Achada entre os papéis de um
Solitário, morto nas imediações de Macacú,
vítima das febres de 1829.

IMPRESSO
NO RIO DE JANEIRO
NO PRESENTE ANO DE 1831



LISBOA



NA TIPOGRAFIA DE BULHÕES. ANO 1831.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

AO PÚBLICO

Tendo-me chegado à mão o Impresso intitulado *Visão do Pico de Itajurú*, impresso no Rio de Janeiro, neste corrente Ano de 1831; e conhecendo quanto se aproxima da lastimosa Verdade, suposto o estado de Anarquia em que se tem achado o Brasil, me pareceu a propósito publicá-lo, para que cada vez mais e mais se conheça o Espírito Revolucionário que por toda a parte desafortadamente se tem manifestado, pondo em acção (onde pode) os seus sanguinários e desorganizadores desígnios.

Do Editor

VISÃO DO PICO DE ITAJURÚ

..... Nesse tempo eu difficilmente trepava por um dos lados do Pico de Itajurú, querendo vingar a sumidade, para dali estudar a situação das montanhas e descobrir a marcha da natureza nas revoluções por que tem passado a superfície da terra.

Enquanto estive no bosque, a copa das suas árvores me abrigava do Sol, e uma aragem, que abanava as suas folhas, temperava o calor que a fadiga me fazia sentir. Mas logo que cheguei ao fim daquela mata, achei-me com um rochedo empinado e ardente; o Sol deixava cair a prumo os seus raios sobre a minha cabeça e nem mais respirava a aragem.

Faltando-me as forças, apoucou-se-me o valor; tremiam os meus joelhos, e eu parei, dizendo: repousarei aqui e concluirei a minha viagem com o fresco da tarde. As minhas pálpebras se tornaram pesadas; fizeram-se flácidos os meus músculos, e eu esperava o sono que repara as forças do cansado viajante.

E logo ouvi uma voz que partia do rochedo e que me disse: Velho, para que queres subir ao Pico do Itajurú? E eu lhe respondi, dizendo: Quero estudar a situação das montanhas e descobrir a marcha da natureza nas revoluções por que tem passado a superfície da terra. – E a voz do rochedo continuou a dizer assim: Em verdade és um velho de pouco siso; os teus estudos não são mais que vaidade e aflição de espírito. Que são as revoluções dos rochedos e das montanhas em comparação com a revolução dos homens? Que aproveita saber se as montanhas têm sido formadas pelas chamas, ou se são o sedimento das ondas, quando os movimentos desordenados dos homens são mais terríveis do que os incêndios e mais destruidores do que os transbordamentos dos rios? Tu tens vivido muitos dias; tens corrido diferentes países; levanta a tua voz, conta os males que tens visto cair sobre aqueles que não têm sabido parar na carreira das revoluções. Diz-lhes que tu tens visto na terra dos Francos a anarquia esmagar debaixo de um ceptro de ferro um povo generoso e cego pelo seu entusiasmo e oprimi-lo a ponto de o fazer olhar como felicidade o repousar debaixo do sábio, porém vigoroso, despotismo de um soldado.

Diz-lhes que tu tens visto na Ibéria e na Bética um povo nobre e valoroso, depois de haver reconquistado a sua Independência, recair debaixo de um jugo humilhante, porque os seus condutores lhe quiseram dar mais liberdade do que ele podia comportar. Diz-lhes os desgraçados sucessos das tentativas enérgicas da antiga Ausonia.

E eu respondi, dizendo: – Ah! Minhas palavras serão para eles como o bronze que soa e o címbalo que retine; eles me dirão: Tu nos falas de tempos passados e de terras separadas das nossas pelo imenso mar. Que há pois de comum entre esses homens e nós, entre esses tempos e os nossos?

Então a voz do rochedo prosseguiu, dizendo-me: – Bem, fala-lhes do tempo actual; fala-lhes do que é vizinho. Mostra-lhe a discórdia sacudindo os seus fachos ainda mais perigosos do que as chamas dos vulcões nas sumidades do Prodocatepec, do Chimborazo e de todos os do Potosi. Mostra-lhes a anarquia, mais terrível que o dilúvio, inundando as planícies de Cassanare, assim como as Chaco e Cuyo.

Eu volvi, dizendo: – O Povo está cheio de entusiasmo. Ele fará como o áspide que fecha os ouvidos para não ouvir os acentos do encantador. E a voz do rochedo me disse: Falai-lhe pois do futuro.

Eu tornei, dizendo: – O homem não conhece o futuro; Deus só é quem sabe o que trarão os anos que

ainda se não passaram. – A voz do rochedo continuou a falar-me, dizendo: Levanta-te e abre os olhos.

E eu me levantei e abri os olhos; achei-me então sobre uma alta montanha. Em torno de mim desdobrava-se uma vasta planície que determinava de um lado o mar sem limites; lá se havia reunido um povo imenso e a minha vista se tornou mais penetrante que a do Caracará; e eu podia ver e ouvir tudo o que fazia este povo.

Um navio se afastava da Costa e por isso toda a multidão saltava de alegria, como embriagados de júbilo, à semelhança de um escravo quando tem achado algum diamante, cujo preço lhe assegura a liberdade. Eles gritavam todos contentes e ao mesmo tempo: – *República ou morte* – e a sua voz retumbava como o estrondo do trovão; e o eco das montanhas repetia – *Morte, morte*.

Ora, em meio de alegria universal, alguns estavam aflitos e os outros lhes perguntavam: – Porque não sois vós tão alegres como nós? E eles responderam: – Nós temos sido alegres como vós, e convosco, logo que se disse *eu fico*; e agora não podemos ser porque diz – *não fica*. – E eu ouvi gritos e os homens aflitos desapareceram.

Eis que em toda a planície se fez um grande movimento; os homens olhavam-se uns aos outros, e muitos foram repulsados, e reuniram-se logo fora daquela multidão. Eles perguntaram: – Porque não quereis vós que nós sejamos convosco? Nós temos participado dos vossos trabalhos, dos vossos perigos e das vossas esperanças. E os outros lhe responderam: – Vós não nascestes nesta terra: voltaí à terra em que nascestes porque esta nos pertence. – E os Estrangeiros disseram ainda: – Atendei que se não vive da terra e sim dos frutos que ela dá pelo trabalho do homem. Nós temos comido o nosso pão, ganho pelo suor do nosso rosto; consenti que fiquemos em vossa terra. – E eles responderam: – Não, porque a terra em que nascemos é nossa. – Os Estrangeiros replicaram: – Mas nós temos esposado vossas filhas e vossas irmãs; elas nos têm dado filhos. – E foi-lhes dito: – Não, porque a terra em que nascemos nos pertence. Então os Estrangeiros se ausentaram, mas suas mulheres e seus filhos os seguiram.

Desde então tornou-se maior a agitação. Havia um grande movimento entre o povo aqui e ali, bem semelhante ao de uma caldeira quando ferve em caxão. E um grande grito se ergueu – *Igualdade ou morte* – e ele retumbava como o estampido do trovão; e o eco das montanhas repetia: – *Morte, morte*.

Os Anciãos, que estavam sentados em suas cadeiras para julgarem, foram delas lançados fora e outros as ocuparam, dizendo: – *Igualdade*.

Aqueles que comandavam soldados foram postos nas fileiras e os soldados passaram a comandar, dizendo: – *Igualdade*.

Havia um homem rico: ele tinha muito oiro, prata e pedras preciosas porque havia trabalhado por muitos anos. Os homens pobres, que sempre fugiram ao trabalho, levantaram-se contra o rico, feriram-no, tomando-lhe as suas riquezas, dizendo: – *Igualdade*.

Havia um velho que possuía muitos campos, bosques e rebanhos, e ele se acreditava mais feliz pela posse de uma filha, a quem muito amava, do que por todas as suas pingues herdades. Ela era formosa; a sua vista doce; os seus negros cabelos desciam até aos seus joelhos; o seu porte era como o da palmeira; o seu andar era ligeiro e engraçado como o voo do beija-flor; e o aroma do seu hálito era como o das flores do ar num mato virgem.

E um mancebo veio e disse ao velho: – Eu amo tua filha e quero que seja minha mulher. – O velho lhe tornou: – Eu ta nego, não porque és pobre, ou porque teu pai se não sentava entre os Anciãos do país, mas sim porque ela ama a outro jovem. – E o mancebo levantou-se contra o velho; espancou-o; enrolou a mão nas tranças negras da rapariga; arrastou-a à sua casa, dizendo: – *Igualdade*.

Assim cada qual obrava o que bem lhe parecia porque faltam Príncipes e Juizes entre o povo. E a agitação crescia na multidão, tanto que eu a vi dividir-se em diferentes magotes, gritando: – A mim, os do Sul! A mim, os do Norte! A mim, os das Costas! A mim, os das Serras! – E outros muitos gritos se ouviam, separando-se toda a multidão em bandos separados.

Houve um destes que disse: – Nós temos trigo e gado, não nos importa o vosso socorro. Deixai-vos estar em vossos tabernáculos porque não necessitamos de vós.

Houve outro que assim falou: – Em nossos campos correm regatos de mel e nós colhemos o vélo das árvores ainda mais branco que o das ovelhas. Deixai-vos estar em vossos tabernáculos porque não necessitamos de vós.

Houve quem respondesse: – O mar nos sustenta com peixe e os navios que atravessam o profundo Oceano nos trazem o que é necessário. Deixai-vos estar em vossos tabernáculos porque não necessitamos de vós.

Houve enfim quem desta sorte se explicasse: – Nós temos oiro e diamantes, que nos importa o mais? Deixai-vos estar em vossos tabernáculos porque não necessitamos de vós.

Assim todos se separaram e um grande brado ao mesmo tempo se ouviu partido de todos os magotes – *Federação ou morte*: – este brado feriu as montanhas e o eco repetiu, dizendo: – *Morte, morte*.

E os Leopardos rompentes atravessaram o mar, abicaram as Ilhas e disseram: – Nós somos senhores do mar e estas ilhas nos pertencem.

Os *Candores* baixaram o voo dos Andes pela parte do Oeste até às margens do grande Rio do Norte e disseram: – As cabeceiras deste Rio pertencem-nos, logo o seu curso também deve ser nosso.

Os *Urubús* remontavam o seu voo das campinas do Sul até às fontes do seu grande Rio e disseram: – Eis aqui as fontes do grande Rio; ele é nosso, logo as suas nascentes nos devem igualmente pertencer.

E os habitantes das Ilhas, os das margens do Rio do Norte e os das nascentes do Rio do Sul clamaram aos seus irmãos, estendendo-lhes as mãos e dizendo: – Lembrai-vos que somos vossos irmãos, salvai-nos. Mas outros responderam: – Nós estamos em nossos tabernáculos, não necessitamos de vós. – E entretanto os diferentes magotes disputavam entre si.

E os Leopardos, que tinham as Ilhas, estabeleciam armazéns em que vendiam espadas, punhais, facas, chuços, lanças, armas de fogo e tudo o que pode servir à destruição do homem.

E todos os homens dos diferentes magotes iam às Ilhas para comprar armas e levavam aos Leopardos ouro, diamantes, topázios, crisólitas, madeiras preciosas, mel coalhado e o vélo das árvores, enfim tudo o que possuíam porque queriam matar seus irmãos. Suas mulheres lhes diziam: – Olhai que nossos filhos não têm que comer. Não compreis armas, comprei antes fazendas de que nos possamos vestir. – E eles responderam: – Nós vamos matar os nossos irmãos e, quando voltarmos vencedores, nós vos daremos o que pedis.

Eles combatiam de todas as partes e, como todos combatiam e não deixavam de temer os seus inimigos, cavaram fossos e fizeram trincheiras para se defenderem e estas trincheiras eram feitas de cadáveres dos seus irmãos.

Então eles repousaram porque estavam fatigados e eu olhei para o Norte onde se formava uma nuvem, bem como se forma num vale quando o Sol brilha depois de uma grande chuva.

A nuvem era negra e semelhante a um enxame de formigas de correição que saem dos bosques para correr toda a terra. E a *Jacaracá* disse: – O que estão fazendo estas formigas? Eu sou forte e grande, por isso as não temo. – Entretanto elas cercaram a *Jacaracá*, cobriram o seu corpo, penetraram por suas rugas e a devoraram. Ela também se assemelhava a um grande rebanho de carneiros negros que voltam do rio tão unidos entre si que não deixam ver a terra por onde passam.

E a nuvem crescia, dilatando-se como a torrente de um rio que transborda e, bem depressa, ela circulou todos os magotes e se introduziu nos fossos que os separavam.

Ela crescia, crescia pouco a pouco, mas sem nunca cessar. E a multidão se assustou: quis opor-se à inundaçãõ negra que avultava de mais em mais e que, recuando algumas vezes, como a vaga sobre a praia voltava logo mais violenta e coberta de escumas. Ora as escumas eram de sangue.

Do seio destas vagas negras ouviam-se estrondos semelhantes aos de cadeias que se quebram, erguendo-se ao mesmo tempo uma voz que dizia: *A liberdade ou a morte*. Esta voz retumbava mais que o estampido do trovão e o eco das montanhas, depois de a repetir por três vezes, dizendo: *A morte, a morte, a morte*, calou-se.

E os diferentes magotes cerravam-se pouco a pouco e se dirigiam às montanhas mais elevadas. Eles se pareciam aos veados surpreendidos pelas cheias dos grandes rios e que procuram os terrenos mais altos para que a água os não alcance; e entretanto ela não pára. Assemelhavam-se também às manadas de potros, surpreendidos por um incêndio na erva seca dos campos, quando se juntam em cerrado rodeio, dando patadas no chão para apagar as chamas, entretanto que o fogo vai lavrando sempre.

A onda negra engrossou e subiu; igualou-se aos lugares que lhe ficavam a cavaleiro; sobejou para mais 4 covados, mesmo aos mais altos montes, dobrou sobre eles; eu olhei e todo o povo havia já desaparecido.

O meu coração partiu-se de dor, eu caí de face sobre a terra, debilhado em lágrimas, porque tinha visto perecer um grande povo.

Então a voz do rochedo tornou a falar e disse-me: – Escreve o que tens visto. – E eu lhe respondi: – É isto o futuro? – Sim, é o futuro. – Volveu ela.

Então eu repliquei à voz do rochedo, dizendo: – Eu não te obedecerei. Primeiro a minha língua ficará pegada ao meu paladar do que eu diga estas coisas; a minha mão secará antes que as escreva porque tenho o coração afogado em tristeza e mágoa.

Eu me ergui e não vi mais nem a planície, nem a inundaçãõ negra. Eu estava na falda dos bosques de Itajurú, o Sol descia ao seu ocaso e eu dei-me pressa a chegar a casa antes da noite, não querendo mais estudar as revoluções da natureza.

Eu caminhava lentamente, pensativo e triste, pois que me afligia o que vira; e chegando à borda do rio, à sombra das mangueiras, eis que vi um homem poderoso entre os poderosos da terra, em cujo semblante se pintavam a bondade e a força. As suas mãos estavam enlaçadas pelas de uma bela Esposa entre as belas e em cujas faces transluziam a ternura e as virtudes. Em torno deste par, brincavam crianças de ambos os sexos, em cujos brincos se divisavam os cuidados de uma sábia educação e a índole preciosa de que eram dotados pela natureza.

Pareceu-me neste momento que os Céus se haviam aberto sobre este lugar e que uma *Matrona*

fulgurante pelos raios da *eterna glória* me dizia: – Eu tenho posto ante o Trono de Deus e protejo os meus filhos, o Pai dos meus filhos e aquela que lhes faz as vezes de Mãe.

Então a paz se restituiu ao meu coração; eu disse comigo mesmo: – O que tenho visto sobre a montanha do Itajurú não é o futuro, é uma falsa visão que não deve causar susto aos que sabem quanto o Céu nos protege e quanto pode a prudência contra as tentativas de alguns loucos que pouco alcançam com a vista em roda de si.

Estabeleceu-se o sossego do meu espírito e, para de algum modo obedecer à voz da montanha, aliviando o peso do meu coração, eu escrevi o que vi, para ser lido dos que podem meditar e aproveitar com tempo estas lições que ainda em ficção horrorizam aos que sabem quais são as infalíveis consequências das amotinações populares.